

ECONOMIA DO ESQUECIMENTO: Rasgando o Estreito de Magalhães¹

Rodrigo Santos de Melo, Doutor em Administração pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Professor de Administração da Universidade Federal do Piauí (UFPI), campus Amílcar Ferreira Sobral (CAFS). e-mail: rodrigasantos@ufpi.edu.br.

RESENHA

O livro do Autor Paulo Mourão é uma obra que aborda um tema atual, relevante e aplicável em diversas regiões. Por meio de uma leitura agradável e cheio de analogias, o Autor discorre sobre as regiões portuguesas do Alto Douro e Trás-os-Montes. Neste ponto percebe-se uma impressionante semelhança entre essas regiões portuguesas e o Nordeste brasileiro. A obra traz aspectos não só da economia, mas aborda principalmente o esporte e a música, tornando uma leitura agradável além de apresentar um humor requintado, um aspecto não tão comum nos autores portugueses.

No capítulo 1 o Autor inicia o capítulo tratando de aspectos relacionados a memória, uma vez tratar-se de um importante constructo do tema central do livro, o esquecimento de algo que um dia foi relevante. Para o autor, a memória funciona como um armazém, esvaziamos os menos importantes e guardamos os mais importantes.

Em relação às áreas de conhecimento que circundam o tema central do livro, o autor apresenta relevante citação que define a psicologia do esquecimento como uma área de estudo da psicologia, que apresenta como principais causas: o esquecimento motivado pelo indivíduo, distorção devido á conceitos mal compreendidos, esquecimentos motivados e esquecimento devido à focos de distração (Kelley e Nairne, 2001), embora argumente que o esquecimento da região não se enquadra na psicologia do esquecimento, levantando hipótese baseadas em outra área de conhecimento para reforçar as causas defendidas, que levaram ao esquecimento da região.

Ainda que de forma introdutória, o Autor apresenta três vertentes que dificultam o esquecimento: i) memória coletiva, ii) cultura e iii) instituições coletivas, que Feiock (2003) define como mecanismos de comunicação em massa, os processos de abordagem política, inclusive federações desportivas.

¹ Resenha submetida em 01/07/2021, revisado em 25/07/2021, aceito em 29/07/2021 e divulgado em 29/07/2021, após *double blind review*.

Finalmente o autor traz a importância da TM e da AD para a economia portuguesa e apresenta uma lógica que nos leva a compreender a relação entre população, capacitação e competitividade, do ponto de vista econômico.

No capítulo 2, o autor inicia abordando o esquecimento, como um evento contrário à inovação (criação), a partir da concepção que até para a eliminação existe um esforço necessário para que se alcance o que se deseja.

A partir do pensamento de Weil (1950), que entende que o esquecimento é produto da desatenção, então o Autor pondera que nas realidades esquecidas os sujeitos da atenção estão ausentes e/ou a atenção dada não é suficiente. A partir desta premissa o Autor desenvolve uma linha de pensamento mostrando que existem, de fato, regiões esquecidas em Portugal, mais especificamente nas regiões interioranas do país.

Fatores como a diminuição do número de empresas instaladas, uma vez que se encerra mais empresas do que se cria, gerando diminuição de empregos afastando os jovens que buscam a independência financeira, a baixa estadia dos turistas nos hotéis e pousadas da região também é outro fator que comprova o esquecimento da região o que leva a forte diminuição financeira de um potencial mercado, o turismo. Por fim, o alto índice de criminalidade, que apenas se compara a regiões com alto índice de densidade populacional.

A importância do livro se dá não apenas por apontar o esquecimento de locais esquecidos, tais como, o viés político e o orçamento mal planejado, mas por propor soluções para reverter tal situação, como a cultura da região, tradicionalmente poupadora.

No capítulo 3, o Autor enfatiza as causas e consequências do esquecimento e propõe que além da questão cultural, questões de políticas públicas também impactaram fortemente para o esquecimento das regiões do Alto Douro e Trás-os-Montes. Neste ponto encontramos políticas de isolamento, que ocorreu tanto em Portugal durante o período de Salazar, quanto no Brasil durante o período da ditadura militar, que nos levou a políticas protecionistas em diversos setores, como o de tecnologia.

A necessidade de mudança nas políticas públicas, pode parecer óbvia, mas enfrenta forte resistência dos integrantes do chamáremos no Brasil de velha política, resistente a mudanças nos conceitos de capital (terra) e trabalho (esforço) para conceitos que levem a troca de conhecimento e acesso à informação.

Ao tratar das desigualdades sociais causados em boa parte pelo esquecimento destas regiões, o Autor aponta três cenários, social, econômico e étnica. No cenário social, o ser humano não consegue satisfazer suas necessidades básicas, no cenário econômico a revolta se dá pelo baixo investimento do Estado na região.

O terceiro cenário se dá pelo impedimento de desenvolvimento por diferença no sotaque e cor da pele. Neste último cenário, se percebe mais uma impressionante semelhança com Brasil, mais especificamente com o Nordeste Brasileiro, ao apontar para o surgimento de novos extermínios, guetos, xenofobia, que leva à uma limitação de ascensão social e emigração forçada para os grandes centros.

Em relação à consequência de toda essa situação que inicia-se com o esquecimento, o Autor retoma o debate da questão Catalã, no ano de 2017, mas também poderíamos citar no Brasil movimentos, como “o sul é meu país” que por ter uma autonomia financeira, acredita que a independência traria ainda maior desenvolvimento. De maneira análoga, o Autor faz uma interessante comparação com um jovem que quando chega a idade adulta se sente à vontade para sair da casa dos pais e finaliza o parágrafo com uma música de Freddie Mercury, *I want to break free*.

No quarto capítulo, o Autor propõe soluções para reverter esta situação, como políticas que visem re-habitar de maneira sustentável regiões com forte cultura agrícola, além da criação de regiões que hospedem sedes de grandes holdings de software, como o famoso “Tigre Celta”, que teve um enorme aumento no PIB no ano de 2017, ao adotar esta política.

No capítulo cinco, o Autor retoma o tema economia social, por priorizar a preocupação social, quando se compara o estado e o setor privado. Neste aspecto, o Autor novamente, consciente ou inconscientemente, apresenta enorme semelhança com a região nordeste, parte esquecida do Brasil e que necessita constantemente da intervenção de instituições sociais.

O Autor apresenta ainda uma perceptível relação de dependência, por entender que uma vez que os jovens saíam dos interiores para os grandes centros, a quantidade de votos destas regiões mais populosas será maior, gerando duas situações: i) o aumento da quantidade de idosos proporcionalmente a população total e ii) mais políticos tendem a trabalhar em prol destas regiões já desenvolvidas, tornando regiões como Alto Douro e Trás-os-Montes ainda mais esquecidas.

Finalmente, o Autor mostrou como um túnel construído na região pode favorecer ou piorar a situação das regiões e que o resultado desta obra vai depender da capacidade da população e, principalmente, do poder público em aproveitar esta possível vantagem, como colocado pelo Autor “a região pode ser cada vez mais paisagem e menos humana”.

O Autor conclui fazendo novamente analogias, desta vez com pilotos, como Andrea de Cesaris, que nunca ganharam uma corrida, mas conseguiram se manter por décadas competitivos, sugerindo que estas regiões podem não ter o poder atrativo de outras regiões sob diversos pontos de vista, mas podem se manter atraentes, desde que o potencial atrativo da região seja percebido e transformado em uma vantagem competitiva.

REFERÊNCIA

Mourão, Paulo Reis. *Economia do Esquecimento: Rasgando o Estreito de Magalhães*. Braga: Edição UMinho Editora, 2020. 108 p.